

## Uma Abordagem Política das Práticas Cotidianas: um Estudo Etnográfico num Circo

Josiane Silva de Oliveira e Neusa Rolita Cavedon

Objetivamos, neste artigo, discutir como as práticas cotidianas configuram-se numa dimensão política nas lógicas de ação dos sujeitos sociais nas organizações. Realizamos uma aproximação teórica entre Michel de Certeau e Michel Foucault sobre o conceito de práticas, buscando bases filosóficas desse conceito às análises organizacionais. Circunscrevemos a pesquisa a uma organização circense, e a investigação em campo foi realizada por meio da etnografia. Identificamos lógicas de ação contraditórias entre os artistas, as quais foram incorporadas pela pesquisadora; implicações das práticas organizacionais na vida pessoal dos artistas; deslocamentos de representações instituídas na sociedade sobre os artistas circenses; e práticas organizacionais estabilizadas do circo tradicional, reconfiguradas nas atuações contemporâneas. O cotidiano organizacional é constituído por lógicas de ação, as quais, apesar de, por vezes, não confrontarem diretamente as práticas organizacionais, as contrapõem silenciosamente, porém, não as destituindo de seus efeitos concretos ou subversivos, inclusive na vida pessoal dos artistas.

### Palavras-chave

Práticas. Cotidiano. Organizações. Políticas. Circos.

### Abstract

Our objective in this article is to discuss how everyday practices are configured in the political dimension in the logic of social action of individuals in organizations. We conduct a theoretical approach linking Michel de Certeau and Michel Foucault as far as the concept of practices is concerned, seeking philosophical basis of this concept to organizational analysis. The research theme comprehended a circus organization and field research was utilized ethnography. We identified

contradictory actions within the logic among the artists, which were incorporated by the researcher; implications for the organizational practices in the personal lives of the artists; displacements of the instituted representations of circus artists in the society; and stabilized organizational practices of traditional circus, reconfigured in contemporary performances. Organizational everyday life consists of action logic, which counterpoints organizational practices at times, not in a straightforward manner. Nevertheless, it does not eliminate their concrete and subversive effects, especially on the artists' personal lives.

**Keywords** Practices. Everyday Life. Organizations. Policies. Circus.

## Introdução

Inserindo-se no campo de pesquisas sobre as atividades artísticas, o objetivo deste artigo é discutir como as práticas cotidianas se configuram numa dimensão política nas lógicas de ação dos sujeitos sociais nas organizações. Circunscrevemos empiricamente estas análises ao contexto organizacional circense. Elencamos um evento específico do cotidiano dos circos para análise: uma viagem a trabalho para apresentação artística. A especificidade da escolha desse evento foi sua realização no dia 12 de junho de 2011, Dia dos Namorados no Brasil, o que implicou a possibilidade de análises sobre as séries de negociações políticas entre os artistas e entre esses sujeitos e o contexto social.

Em termos teóricos, embasamos a pesquisa nas análises das práticas cotidianas nas organizações. Diferentes abordagens epistemológicas têm sido consideradas para essas discussões nos estudos organizacionais, especialmente das Ciências Sociais e Filosofia. Com isso, as pesquisas sobre práticas têm se configurado num ambiente prismático de debates, em termos de articulações teóricas (MIETTINEN; SAMRA-FREDERICKS; YANOW, 2009; SCHATZKI, 2003; SANTOS; ALCADIPANI, 2010), metodológicas e temáticas (FENTON; LANGLEY, 2011; LEITE-DA-SILVA *et al.*, 2011; GHERARDI, 2010; ANTONELLO; FLACH, 2011). Apesar dessas reorientações epistemológicas e ontológicas de entendimento das práticas para além de padronização e rotinização, ainda não se estabeleceram discussões sobre a dinâmica política das práticas no cotidiano organizacional.

As práticas configuram-se como processos políticos no cotidiano organizacional, pois evidenciam contradições dos dispositivos de controle das esferas normativas de gestão, em meio às possibilidades de transgressões nos processos organizacionais. Nesse sentido, discussões do campo da Filosofia passam a orientar essas análises, visto que estudar o cotidiano pelo viés das práticas implica repensar possibilidades de constituição das lógicas de ação dos sujeitos em diferentes cotidianos, problematizando ações subjacentes aos arranjos das práticas e dos interstícios dos processos organizacionais, como discutem Michel de

## Certeau e Michel Foucault.

Com isso, optamos pelo processo de construção do referencial teórico de análise a partir de aproximações entre o conceito de práticas de Michel de Certeau e Michel Foucault. Essa opção permitiu-nos dialogar com as tecnologias de poder (FOUCAULT, 2008) do ambiente institucional da organização, bem como evidenciou os interstícios de transgressões das lógicas de ação (CERTEAU, 2002), configurando a dimensão política das práticas nas organizações.

O contexto organizacional de referência foi um circo, espaço ainda pouco explorado nas pesquisas sobre práticas e estudos organizacionais (PARKER, 2011; COSTA, 2000). O circo em análise foi fundado em 1987, é considerado como patrimônio cultural do estado, e localizado na cidade de Pelotas, distante trezentos quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, o circo possui aproximadamente cem pessoas atuando diretamente em suas atividades, desses, trinta e dois artistas circenses atuando em dois espetáculos, sendo que um deles está em cartaz há dez anos. Nossa incursão nessa organização ocorreu via um estudo etnográfico, iniciado em março de 2011 e, embora ainda venha a ter prosseguimento, para efeitos desse artigo, a data limite estendeu-se até dezembro de 2011.

O artigo está estruturado em cinco seções além desta introdução. Primeiramente apresentamos alguns debates acerca da formação do campo dos estudos das práticas na área organizacional. A seguir, apresentamos as contribuições filosóficas de Michel de Certeau e de Michel de Foucault às análises organizacionais pelo viés das práticas. No terceiro momento, destacamos os circos na perspectiva organizacional; seguido dos procedimentos metodológicos da pesquisa. O quinto momento do artigo é dedicado às análises dos achados de campo e as implicações da base teórica aqui construída. Ao final, apresentamos as contribuições analíticas para os estudos organizacionais.

## **Analisando as Organizações a partir das Práticas: Considerações a esse Tema de Pesquisas**

O conceito de práticas nos estudos organizacionais tem sido utilizado como categoria de análise do imbricamento entre organizações e a dinâmica da estrutura da sociedade. Os efeitos das práticas são considerados não somente em relação às relações de trabalho, mas como categorias sociais (gênero, etnia, classe social, tecnologia, à guisa de exemplo) são destacadas e particularizadas no ambiente de trabalho constituindo as organizações.

De acordo com Geiger (2009), as diferentes perspectivas dos estudos sobre as práticas nas organizações devem ser consideradas com base em suas filiações epistemológicas. Como exemplo, o referido autor discorre sobre dois campos diferentes desses estudos. O primeiro campo considera as práticas a partir do que os “atores fazem” - onde agência e estrutura são entendidas como interligadas à recursividade das ações dos sujeitos - e se estabeleceu a partir das pesquisas sobre estratégias enquanto práticas (GEIGER, 2009). Essa percepção

implica não somente o estudo das ferramentas de planejamento, mas suas utilizações no processo cotidiano dos sujeitos (LEITE-DA-SILVA *et al.*, 2011).

O segundo grupo de estudos das práticas, apresentado por Geiger (2009) tem por foco o entendimento da aprendizagem, do conhecer e da institucionalização das organizações (GHERARDI, 2010), denominada de “epistêmico-normativo”. Esse campo de estudos, apesar de não permitir a unificação sob um único guarda-chuva, apresenta-se com base na perspectiva sociológica (GEIGER, 2009). As práticas referem-se a uma construção social emergente na temporalidade, refletindo, sustentando e reproduzindo normas, valores e conhecimento (FOUCAULT, 2008).

Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010) realizam essas mesmas discussões, apresentando, como exemplo, duas linhas de entendimento do conceito de práticas a partir de sua construção como objeto de conhecimento. A primeira considera as práticas como um objeto empírico, ou seja, *locus* de atividades profissionais. Já a segunda linha de estudos considera a prática como uma forma de “ver” um contexto e, portanto, uma epistemologia. Nessa segunda linha de estudos, estão contribuições de pesquisadores das Ciências Sociais e da Filosofia, buscando problematizar as teorias das práticas a partir do rompimento de dicotomias, reconfigurando análises das relações entre sujeitos e sociedade (CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010).

Na abordagem de estudos proposta por Schatzki (2005), as práticas são consideradas como os “lugares” do social, pois são as atividades humanas organizadas. O conceito de “lugar” refere-se ao contexto de atuação das ações humanas como, por exemplo, as organizações. Schatzki (2006) entende as práticas como categoria de análise central nos estudos das organizações, na medida em que envolve mecanismos de compreensão de como as organizações acontecem. O “acontecer” não remete somente ao tempo real, mas à dimensão teleológica presente nas lógicas de ação articuladas nas estruturas persistentes no âmbito do social, as quais podem explicar a recorrência de determinadas práticas num dado contexto (SCHATZKI, 2006).

Essas proposições têm sido retomadas nos Estudos Organizacionais nos últimos anos, como discorre Schatzki (2003), pois os estudos das práticas permitem: (1) problematizar teoricamente além dos dualismos (agência-estrutura, humanos e não humanos, como exemplo); (2) compreender a constituição da subjetividade humana para além da faculdade mental; (3) bem como questionar as ações individuais e seu *status* como construções sociais.

Neste artigo, nosso objetivo esteve imbricado nas discussões sobre as bases filosóficas de entendimento das práticas e suas contribuições para as análises organizacionais. Circunscrevemos esse recorte analítico com base nas discussões de Michel de Certeau e Michel Foucault, visto que para os dois autores a configuração das práticas é o solo comum, porém, não unívoco ou universal, que constitui a dinâmica social e os sujeitos. A próxima seção deste artigo visa apresentar aproximações teóricas entre os referidos autores, de modo a consubstanciar uma base para a análise organizacional a partir das discussões sobre práticas.

## **As Práticas Cotidianas numa Dimensão Política: Contribuições de Michel De Certeau e Michel Foucault**

Ainda que a centralidade de estudos das práticas tenha sido realizada com foco nas relações estrutura-agência, faz-se necessário ir além da dicotomização das dimensões macro e microssociais. Quando realizamos esse procedimento, problematizamos como as articulações sociais se constituem e interpelam a formação das práticas. Nesse processo, os sujeitos são descentrados das análises sociais, enfatizando-se também os interstícios entre os elementos e mecanismos que constituem a sociedade. Especificamente duas abordagens de estudos no século XX estabeleceram um embate teórico de modo a problematizar o estudo das práticas e sua relação com o cotidiano dos sujeitos sociais, sendo essas desenvolvidas por Michel de Certeau e Michel Foucault.

Apesar de o ponto de partida dos estudos sobre o cotidiano ser diferente para os dois autores (RIBEIRO, 2007), Foucault (2008) analisa a esfera da normatividade imputada pelas relações de poder e Certeau (2002) discute os interstícios de transgressões; a convergência epistemológica desses debates está no entendimento das práticas como o solo comum compartilhado pelos sujeitos sociais. As práticas são as “maneiras de fazer” num determinado contexto sócio-histórico que constroem os sujeitos e objetivam suas condições de existência.

Certeau (2002) discute o cotidiano a partir das “maneiras de fazer”, ou seja, as práticas utilizadas pelos sujeitos sociais na delimitação de seu espaço de atuação. Com isso, ancoramos as discussões em conceitos discutidos por Certeau (2002): as estratégias e as táticas. As práticas articuladas às estratégias são as manipulações das relações de forças que isolam sujeitos de saber e poder, como na administração de empresas (CERTEAU, 2002). Esse conceito aproxima o referido autor de Michel Foucault, pois existem possibilidades das estratégias se configurarem como panópticas. Para Michel Foucault (2008), esse processo perpassa o deciframento das redes de disciplinas das tecnologias de poder presentes nas ações dos sujeitos. As táticas são caracterizadas por ações sem o estabelecimento de relações de poder, atuando no campo das estratégias e no espaço por elas controlado (CERTEAU, 2002, p. 100), sendo móveis e imprevisíveis.

Esse jogo entre as tecnologias de poder e as resistências configura a relação imbricada entre a produção subjetiva e a materialidade na sociedade. É por isso que, para Foucault (2010) e para Certeau (1985), uma abordagem de estudos orientada pelas práticas possibilita compreender os mecanismos de funcionamento do cotidiano, onde se configuram as formas de organização dos sujeitos sociais.

Castro (2008) apresenta três características das práticas na constituição do cotidiano na sociedade a partir das discussões dos trabalhos de Michel Foucault: (1) são modos organizados das maneiras de fazer dos sujeitos sociais; (2) apresentam uma sistematicidade, e; (3) compõem uma generalidade, uma configuração histórica singular. Esse processo possibilita a identificação de um determinado conjunto de práticas num contexto sócio-

histórico que estabelece o solo comum de constituição dos sujeitos e sua organização social. É por isso que Foucault (2010, p. 223) afirma a relevância da dimensão política das práticas, onde se confrontam as determinações sócio-históricas em relação à história do presente. Para Certeau (2002), também é preciso considerar os atos “estranhos” aos engenhos de uniformização social, onde se configuram redes de antidisciplinas (CERTEAU, 2002). Sendo assim, Certeau (1985) afirma o triplo caráter político das práticas: estético, relacionado ao estilo de fazer dos sujeitos sociais; o ético, que implica recusa à ordem estabelecida tendo como efeito a abertura de espaços de criação nas ações; e o polêmico, constituído pelas intervenções nas relações de forças. Esse processo confere a dimensão política das práticas cotidianas, transformando os acontecimentos sociais em possibilidades de estranhamento para com a ordem estabelecida, bem como engendrando mecanismos de resistências no cotidiano de forma a reinventá-lo ou invertê-lo em sua dinâmica de funcionamento.

Para Certeau (2002) e Foucault (2008), as práticas evidenciam os mecanismos utilizados para apropriações desiguais do social sob a égide de um processo de disputas e jogos na sociedade. É necessário considerar o campo de práticas do qual o cotidiano emerge por meio de seu funcionamento (FOUCAULT, 2010). Essa discussão remete, com efeito, ao contexto organizacional. Schatzki (2006) assinala que as práticas, além de abarcarem a relação dos sujeitos com a materialidade, quando pensadas nas análises organizacionais, devem considerar os humanos e os não humanos, viabilizando assim que se observe os efeitos das práticas não somente a partir dos sujeitos e subjetividades, mas também via materialidade organizacional.

A dimensão política das práticas no cotidiano refere-se ao agir por dentro dos interstícios das práticas. Ao observarmos as práticas, a partir de fluxos regulares de formalização (ver críticas de LEITE, 2010), identificaremos o instituído na sociedade, desconsiderando deslocamentos dos efeitos sociais no que concerne ao seu funcionamento constitutivo. Ou seja, as práticas que não perfazem o cotidiano organizacional constituído são desconsideradas. Por outro lado, ao analisarmos as práticas unicamente em seu processo de constituição (LEITE, 2010), incorre-se no risco de colocá-las em suspenso de seus efeitos sociais. Desse modo, desconsideram-se suas articulações em meio aos jogos pelos quais aparentemente elas se repetem e o “estranhamento” de certas práticas em relação ao cotidiano constituído é colocado no aspecto individual das ações dos sujeitos (LEITE, 2010).

Propomos analisar as práticas pelo seu viés político, onde seus procedimentos de constituição, formulação e efeitos sociais se relacionam de modo a conferir um caráter processual ao cotidiano. A dinâmica política das práticas possibilita compreender seus mecanismos de mobilização das regularidades de ação e produção de efeitos sociais, bem como seus deslocamentos que evidenciam os diferentes conteúdos das lógicas de ação dos sujeitos sociais em determinados contextos sócio-históricos. Essas análises não estão nas ações dos sujeitos, mas nas relações no âmbito do social. Portanto, o movimento processual é que possibilita à sociedade se deslocar e marcar regularidades. As práticas forjam-se e são formuladas em processos contraditórios, sendo seus efeitos também perpassados por contradições. Com efeito, é possível considerar que uma abordagem prática das organizações

também é uma abordagem política do cotidiano organizacional, pois, nesse entendimento, as vias de entrada para as discussões teóricas estão nas condições de produção das mesmas.

Sendo assim, as práticas acontecem nas relações, onde não se faz possível individualizá-las, mas sim descrever os processos pelos quais elas se constituem no cotidiano. As práticas não estão presentes num *locus*, mas elas configuram as articulações, sendo em seus interstícios o espaço de possibilidades de o cotidiano acontecer. Portanto, as articulações cotidianas não se referem exclusivamente aos níveis das relações humanas, mas aos fluxos sociais, os quais mobilizam nossas experiências no e com o mundo. São os efeitos dessas mobilizações que transformam e temporalizam a sociedade.

A relevância dessa abordagem de estudos às análises organizacionais refere-se às problematizações de como se configuram os efeitos políticos do cotidiano de trabalho. Além de discutirmos o quê e como os sujeitos realizam suas ações, evidenciamos os efeitos sociais desses processos, especialmente em como um conjunto de práticas de gestão é objetivado no cotidiano. O cotidiano organizacional não abarca somente a dinâmica interna das organizações, mas as condições sociais que interpelam sua constituição, bem como também influencia a dinâmica da sociedade.

Um deslocamento análogo aos estudos das práticas nas organizações proposto neste artigo já foi empreendido por Certeau (1999), no que se refere às discussões sobre as organizações que atuam no campo das manifestações artísticas da cultura. Para o referido autor, mais do que manifestações de constituição da sociedade, a cultura e as artes têm sido entendidas com conotações de trabalho realizado em toda a extensão da vida social. Por isso, têm-se buscado analisar os mecanismos de organização da cultura pelo viés artístico, onde “a partir do momento em que, pelo seu trabalho, uma ação começa a modificar o equilíbrio das forças, ela é interrompida pela repressão que organiza os poderes estabelecidos” (CERTEAU, 1999, p. 217).

É por isso que Certeau (1999) discorre sobre as configurações da denominada produção cultural, pois este seria um campo de análises de expansão das formas de administração, centradas na divisão social do trabalho. As casas de cultura, teatros, cinemas e demais espaços de manifestações culturais são constituídos como espaços onde se encontram os “especialistas” em cultura, aqueles que determinam o que é ou não cultural, o que é ou não artístico (CERTEAU, 1999). Colocamos em discussão o deslocamento dos estudos sobre práticas no cotidiano das organizações para as atividades artísticas, no intuito de compreender como essas têm sido interpeladas pelas atividades de gestão, visto ser um contexto caracterizado comumente como um espaço de atuação para além da divisão social do trabalho.

Na próxima seção deste artigo, apresentamos uma discussão acerca do campo artístico onde circunscrevemos essas análises: os circos. O objetivo destes debates será apresentar um breve resgate histórico dos circos, especificamente nos entremeios que o constitui enquanto organização e, mais recentemente, como trabalho.

## Os Circos enquanto Organização

As artes circenses são consideradas atividades seculares, para as quais não é possível estabelecer um marco em relação ao surgimento. Enquanto processo organizacional, as artes circenses são discutidas a partir dos circos (PARKER, 2011). O circo, como espaço organizacional de trabalho (COSTA, 2000), apresenta fragmentos de sua emergência no século XVIII na Inglaterra (OFEN, 2010; SACCHI, 2009). De acordo com Ávila (2008), a forma do circo, com espetáculos pagos, foi desenvolvida por Philip Astley, em Londres, no ano de 1768, sendo que o contexto social onde esse processo tem sua gênese é a Revolução Industrial.

O circo configurou-se a partir de uma estrutura itinerante, pois os deslocamentos espaciais proporcionavam a captação de novos públicos. É o comércio nômade articulando a dinâmica artística da sociedade. As apresentações eram realizadas em espaços abertos, mas no século XIX, quando o circo chega aos Estados Unidos da América, a lona começa a ser utilizada como forma de estrutura física adaptada ao modo itinerante (SACCHI, 2009). No Brasil, as práticas circenses chegaram por volta do século XX, trazidas por imigrantes europeus (SACCHI, 2009).

As práticas de expressão artística articulam-se com práticas sociais. Essa dinâmica tem influenciado a emergência de outras formas de organização circense, em especial, desde o final do século XX (SACCHI, 2009). Sacchi (2009) discute como a incorporação de outras artes, como a dança; práticas desportivas, como a ginástica; e os circos-escolas, como transmissão do saber; têm formado um campo de disputas e conflitos no âmago do circo, dando origem ao denominado circo contemporâneo.

O circo contemporâneo apresenta fragmentos que datam de 1968, de modo significativo na França (GARCIA, 2011), em especial com o estabelecimento de escolas de circo, onde as atividades circenses não mais são transmitidas sob a égide familiar (ARAÚJO, 2005). No Brasil, a primeira escola de circo surgiu em 1978, na cidade de São Paulo (ARAÚJO, 2005). Denominada como Academia Piloïn de Artes Circenses (APAC), encerrou suas atividades em 1983 (ARAÚJO, 2005). Em 1982, é fundado, na cidade do Rio de Janeiro, o Circo Voador, bem como a Escola Nacional do Circo (ARAÚJO, 2005).

Nessa linha de configuração do denominado circo contemporâneo, Araújo (2005), postula que esse movimento aconteceu simultaneamente no Brasil, França, Inglaterra, Alemanha, Austrália e Canadá. Essa reformulação das práticas circenses tem fomentado concepções diferenciadas aos espetáculos, onde o Circo Plume (França), o *Cirque Du Soleil* (Canadá) e o Circo OZ (Austrália) têm se estabelecido como organizações de referência dessa dinâmica artística. O circo contemporâneo apresenta o paradoxo de uma forma organizacional fixa com espetáculos móveis e itinerantes. A caracterização do fixo remete à existência de um espaço de trabalho, como os centros de treinamentos (CT), onde os artistas não residem mais nos circos ou em *trailers*. Também ocorre o estabelecimento de escritórios que cuidam da produção executiva dos espetáculos, de modo que as práticas de gestão são



transpostas para o cotidiano circense. As relações de trabalho são estabelecidas a partir de vínculos empregatícios, ou mesmo terceirizados, e as relações familiares já não são base da organização das atividades.

A partir dessa caracterização do circo contemporâneo, estamos empreendendo um estudo etnográfico numa organização circense localizada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Na próxima seção deste artigo, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos desenvolvidos neste estudo.

## **Procedimentos Metodológicos**

Como método de pesquisa, utilizamos a etnografia. Para Clifford (2008), a operacionalização da etnografia consiste em termos físicos e intelectuais nas vicissitudes da tradução, requerendo o aprendizado do dizer e do fazer no campo de pesquisa. A operacionalização do método etnográfico consiste no engajamento prático do pesquisador em relação ao cotidiano do campo de pesquisa. Isso não significa “tornar-se o outro”, mas observar de forma participativa e descrever o campo de práticas dos sujeitos em estudo, inclusive do pesquisador. Esse engajamento prático proporcionado pela etnografia resulta, como denominam Denzin e Lincoln (1994), na interpretação polifônica e dialógica das experiências de pesquisa.

A etnografia iniciou-se em março de 2011 e os dados dessa pesquisa foram coletados até o mês de dezembro de 2011. Uma das pesquisadoras deste estudo mudou-se para a cidade de Pelotas, sede do circo em questão, de forma a acompanhar o cotidiano de vida circense. A pesquisadora realizou aulas de técnicas circenses, acompanhando os processos de produção artística, de figurinos, temporadas de apresentações e ainda realizou trabalhos de contrarregra nos espetáculos, também participou de atividades com os artistas para além do cotidiano organizacional.

Em relação às técnicas de coleta de dados, durante a realização da etnografia, a pesquisadora ouvia várias histórias sobre momentos de formalização do circo, bem como do processo de “tornar-se” artista circense, pois, entre os 32 sujeitos da pesquisa, apenas um é originário de família circense. Optamos então pela realização de entrevistas de histórias de vida com os artistas, de modo a compreender os jogos entre as lógicas de ação no contexto organizacional com as dimensões de vida dos sujeitos para além de suas atividades profissionais.

Selecionamos um momento específico do trabalho de campo, onde as práticas articulam essas duas dimensões sociais: uma viagem a trabalho de um dos elencos artísticos. Esse evento começou a ser programado pelos artistas com seis dias de antecedência, visto que ele aconteceria no dia 12 de junho de 2011, Dia dos Namorados no Brasil, o que implicaria uma reorganização da vida pessoal dos artistas circenses. Analisando esse evento de trabalho no circo, foi possível observar como os processos de gestão influenciam a vida pessoal dos artistas, e as negociações realizadas entre os pesquisados de modo a reconfigurar a dinâmica organizacional do circo.

Para analisar a configuração das práticas cotidianas nesse evento, consideramos: as formas como os diretores do circo informaram aos artistas sobre a realização da atividade; as reuniões para discutir os detalhes da apresentação; organização da viagem; a operacionalização do evento; e o retorno à cidade de Pelotas. Isso de modo a caracterizar e descrever como as práticas cotidianas desse evento de trabalho se configuram politicamente em relação às lógicas de ação dos sujeitos artistas circenses.

As análises do estudo são interpretativas, nas quais buscamos estabelecer um campo de práticas dialógicas que, na etnografia (CLIFFORD, 2008), se denomina de teórico, êmico e ético. A partir disso, foram construídas três categorias temáticas de análise, sendo: a) processos de comunicação do evento; b) processos de deslocamento; e c) realização do evento. Em termos analíticos, o objetivo é compreender como as práticas no cotidiano organizacional articulam a dimensão extraordinária (CERTEAU, 2002) das organizações, onde esse processo denota configurações políticas que extrapolam os mecanismos de gestão, tanto em sua produção como em seus efeitos sociais. Destacamos que o nome do circo, bem como dos artistas, é fictício de modo a preservá-los de uma possível exposição indesejada.

## **Respeitável público, com vocês o cotidiano do circo por trás das cortinas!**

### **Processos de Comunicação do Evento**

Reportamo-nos a Certeau (2002) para iniciar as análises dos processos de comunicação da realização do evento em estudo. De acordo com o referido autor, nos locais de trabalho, difundem-se técnicas culturais que expandem a reprodução econômica sob ficções de surpresas, de verdades ou informações, ou mesmo via mecanismos de comunicação. Portanto, é preciso atentar às condições de produção das comunicações, não as considerando como veículos, mas como práticas.

A agenda de apresentações do Circo Alegria é organizada por um grupo de profissionais que não estão rotineiramente no centro de treinamento, mas se situam num escritório separado desse ambiente. A programação é comunicada aos artistas pelos produtores culturais, os quais informam, de forma ampla, os espetáculos do mês em curso, sobre temporadas prolongadas, e organizam reuniões em dias próximos aos das viagens, de modo a estabelecer os cachês, datas de saída, permanência nas cidades e retorno a Pelotas.

Especificamente no evento objeto deste estudo, seis dias antes da apresentação o tema do Dia dos Namorados já permeava as conversas entre os artistas. Isso ocorria via críticas em relação à comercialização das relações dos sujeitos na sociedade, a exemplo da exposição que algumas pessoas realizam de suas vidas pessoais nas redes sociais. No ateliê, era momento de realizar reparos nos figurinos que integram o espetáculo. Um dos diretores do Circo, ao ingressar no ateliê, inseriu-se na conversa mediante comentário de que havia visto numa rede social uma pessoa que se oferecia como “namorado de aluguel” e enunciou: “achei

interessante isso, porque tem muito namorado de aluguel por aí que não se assume” (notas de campo).

Essa questão do “assumir” não perpassava somente as falas do que seria a dimensão da vida pessoal dos artistas, mas, também, das relações de trabalho no circo. Numa primeira aproximação com esse episódio, as práticas configuradas nesse processo de “assumir” uma lógica de ação poderiam se caracterizar como ética, a partir dos postulados de Certeau (2002), pois sua forma de organização (FOUCAULT, 2010) imputaria uma recusa às condições normativas sociais. Nessa mesma tarde de trabalho no ateliê, o diretor do circo solicitou a uma das artistas que recortasse alguns tecidos para confeccionar adereços e ela prontamente responde: “ah, eu não gosto de fazer isso!”. O diretor do circo então reafirma: “Pensa que isso acaba logo!”. Nesse momento, outros artistas vieram ajudá-la nessa atividade, inclusive a pesquisadora (notas de campo).

A forma como o “assumir” se constitui no cotidiano organizacional ocorre por meio das lógicas de ação dos mecanismos de deslocamentos do instituído (a realização individual da tarefa preconizada) que mobiliza e estabiliza o cotidiano de trabalho (a realização coletiva da tarefa preconizada). É nesse sentido que Certeau (2002) afirma serem as lógicas de ação estabelecidas a partir das possibilidades de conjunturas sociais. Nesse caso, a recusa também pode funcionar como um mecanismo de estabilização do grupo de trabalho.

Assim como a dinâmica da sociedade se desdobra em lógicas de ação no trabalho, esse também interpela a constituição do espaço social. Esse processo resulta no estabelecimento da posição dos sujeitos não participantes diretamente do cotidiano da organização, onde um dos efeitos se refere à instauração de conflitos nos relacionamentos pessoais dos artistas. O seguinte relato ilustra como essa dinâmica é problematizada no contexto em análise:

Relacionamento, namorado, namorada? Nossa! Eu não tenho problemas, porque o meu trabalha com a mesma coisa assim. Mas, eu vejo pessoal que tem namorado ou namorada, de fora, assim não entende: mas, porque tu tem que estar todo o tempo aí? Mas, porque vinte e quatro horas? Manhã, tarde e noite? E é diferente, porque ao mesmo tempo que nos suga, nos suga as energias assim, a gente sai exausto, é uma coisa que quanto mais tu tá ali mais, mais tu quer assim (Maria, 26 anos, acrobata).

Os efeitos sociais das práticas da organização na vida pessoal dos artistas, em sua conotação conflitante, são deslocados para fora do cotidiano do circo. Isso porque são essas mesmas práticas organizacionais que os constituem enquanto sujeitos e, como tal, performam suas lógicas de ação. É por isso que para Foucault (2010) e Certeau (2002) o cotidiano se constitui nos interstícios das práticas, pois são as diferentes lógicas de ação em determinadas conjunturas que possibilitam estabelecer esse solo comum de atuação dos sujeitos sociais.

Após esse embate, dois dias antes da apresentação, foi realizada uma reunião no centro de treinamentos sobre a apresentação que ocorreria no domingo. O início da reunião deu-se com a exposição de quem é o contratante, o porquê da realização do evento, local, data e

hora do mesmo. Isso evidenciava as condições sociais onde a apresentação artística deveria ser inscrita. A primeira intervenção de um dos artistas na reunião ocorre pela seguinte fala: “Hum! Dia dos Namorados!” Seguida de algumas risadas. Em outra explanação outro sujeito comenta: “Vai ter que negociar em casa ou comemorar antes!” A seguir, inicia-se o processo de negociação dos cachês e das datas de saída e de retorno a Pelotas, o que promove alguns questionamentos dos artistas.

Em relação ao cachê, nesse primeiro momento, ficou decidido que seria pago o montante padronizado pelo circo. Porém, as diárias para custeio de despesas extras, como alimentação, não seriam pagas de forma pecuniária e individual, pois o circo arcaria com essas despesas de forma geral, ou seja, todos os dispêndios durante a viagem seriam pagos pela direção do circo de forma coletiva. Aconteceram alguns questionamentos, pois os artistas apontavam como preferência, diante dessa situação, receber em forma de dinheiro e individualmente. Cabe ressaltar que os pagamentos de diárias são realizados antecipadamente pela direção do circo, com base num valor acordado com os artistas. Após alguns debates, a produtora informou que essa era uma prerrogativa da direção financeira da organização, e, contudo, os artistas comentaram que isso não iria “funcionar” na viagem.

Inicialmente, no processo de negociação, a produtora cultural é colocada na posição da formalizadora da prática organizacional (remuneração financeira). Ela operacionaliza um esquema de ação que não diz respeito a sua posição individual, mas às condições sociais da organização. Entretanto, ao tentar estabilizar a prática de remuneração dos artistas, como essa se constitui no interstício, abre-se um campo de possibilidades de deslocamento das lógicas de ação dos sujeitos. Resgatando Certeau (2002): as lógicas constituem-se nas possibilidades; e são em meio a essas que os artistas questionam outros mecanismos de formalização da remuneração. Como efeito dessa tentativa de deslocamento, a produtora cultural mobiliza outro aspecto formalizado na organização - a diretoria financeira - de forma a estabilizar o processo de comunicação e as práticas remuneratórias.

No segundo momento, foram debatidos os horários de saída de Pelotas, chegada à cidade onde ocorreria o evento e como se dariam os desdobramentos a partir da estada no local. Foi decidido que a saída seria do centro de treinamento no sábado por volta das 23h50min, sendo que deveriam “carregar” o ônibus com a estrutura do espetáculo momentos antes da partida. A chegada ao local do evento seria por volta das 8h, haveria a oportunidade de fazer a primeira alimentação do dia, o café da manhã, posteriormente seria montado o palco, tendo sido o almoço programado para acontecer por volta do meio-dia. Realizado o espetáculo, “carregado” o ônibus, cumpriria ir ao hotel para tomar banho, e, então, retornar a Pelotas. As intervenções dos artistas concentraram-se no desgaste que a viagem proporcionaria, afinal seriam duas noites seguidas dormindo dentro do ônibus. Entretanto, consideraram esse delineamento logístico ideal no sentido de propiciar o retorno mais rápido à cidade de Pelotas. Com essa rotina estabelecida, a reunião foi encerrada, porém ficou combinada uma “comemoração” na noite de sexta-feira, numa boate de Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) da cidade, visto que no final de semana aconteceria a viagem.

Apesar de esse ser um episódio do evento objeto deste estudo, é possível caracterizar práticas cotidianas da organização, bem como a dimensão política das lógicas de ação dos sujeitos artistas circenses. Os responsáveis pela organização da agenda do circo e da dinâmica financeira não se fizeram presentes em todas as reuniões, deixando a cargo da produtora cultural os processos de negociações dessas atividades. Isso demonstra a existência de uma estrutura hierárquica e de delegação das atividades de gestão do evento. Contudo, demonstra não haver rompimento dos limites previamente acordados com os diretores. De fato, apesar das negociações, todos os aspectos apresentados foram confirmados na reunião.

Destarte, é possível compreender que o processo de comunicação da realização do evento desvela a contradição das práticas cotidianas da organização, onde os jogos políticos funcionam de modo a deslocar do social o que é instituído e estabilizar a dinâmica organizacional. Esse processo não se circunscreve somente ao contexto da estrutura física da organização, mas em seus processos móveis de produção dos espetáculos. Na próxima seção deste artigo, analisaremos como esse processo político das práticas ocorre na logística organizacional.

### **Processo de Deslocamento do Espetáculo**

De forma ampla, a movimentação logística de uma organização é considerada a partir de um campo estabilizado e rotinizado de ações. Contudo, essas construções desvelam uma série de mecanismos das condições de produção da organização e das disponibilidades de sua movimentação geográfica. Na organização em estudo, o deslocamento da estrutura dos espetáculos é essencialmente realizado via terrestre, em face dos custos de transporte e disponibilidade da malha aérea brasileira. São determinações da constituição das práticas organizacionais arrojadas pelo contexto social.

O tempo médio de carregamento do ônibus com a estrutura dos espetáculos é de quarenta minutos. Os equipamentos são armazenados numa sala específica para cada elenco e são organizados de forma que os maiores objetos sejam colocados em compartimentos específicos no ônibus, de forma a retirá-los mais rapidamente, pois são estes que serão primeiramente montados no local de apresentação. Nessa fase, os homens são responsáveis pelo transporte dos equipamentos, onde cada um “assume” o deslocamento de um conjunto de materiais, e, também, da colocação dos mesmos em lugares específicos dos camarins, cochias e do palco (fotografias 1 e 2), para que na hora do espetáculo os materiais sejam encontrados e utilizados. Cada artista possui sua caixa identificada com seu nome, onde são armazenados os respectivos materiais a serem utilizados nas apresentações.

O segundo momento do carregamento do ônibus ocorre no ateliê do circo, onde são armazenados os figurinos, responsabilidade das mulheres. Quando ocorre o ingresso de um novo integrante no elenco, ele, em geral, realiza viagens com o circo antes de sua estreia, de modo a que venha a compreender todo o processo de movimentação do espetáculo. Esse artista neófito é integrado a um “grupo de trabalho”, lhe sendo atribuídas responsabilidades por atividades nesse processo.

**Fotografia 1** – Caixa de materiais gerais



Fonte: da pesquisa (2011)

**Fotografia 2** – Caixas individuais com materiais do espetáculo



Fonte: da pesquisa (2011)

Dentro do ônibus, todos os artistas têm o “seu” banco, sendo o mesmo denominado de “quarto”. Quando a pesquisadora realizou sua primeira viagem com o circo, um dos artistas lhe comunicou: “cada um tem seu quarto lá [ônibus]. Eu, quando entrei, esperei todos os “mais velhos” subirem e depois vi onde tinha um quarto pra mim. Acho que você pode fazer o mesmo” (notas de campo). De posse dessa informação, a pesquisadora conversou com a produtora cultural sobre o espaço no ônibus, e a mesma afirmou: “tem um quarto na frente, porque um dos guris da técnica vai direto pra lá [cidade de apresentação]” (notas de campo). E foi nesse “quarto” que a pesquisadora “residiu” durante a viagem.

Nessa descrição, primeiramente tencionamos mecanismos de funcionamento (FOUCAULT, 2010) e caracterização (CERTEAU, 2002) das práticas relacionadas às questões de gênero. A rotinização de agrupar os equipamentos para os homens carregarem e os figurinos no ateliê para as mulheres denota os mecanismos de assimilação das dimensões masculinas e femininas frente às atividades laborais, especificamente aqueles de marcações corporais, onde o contexto sócio-histórico de inscreve. Como as atividades circenses são produzidas no/com o corpo, os desdobramentos dessas ações têm como efeito práticas organizacionais, como as distribuições das tarefas nas rotinas do circo. É sobre esse aspecto as considerações de Yakhlef (2010) relativas ao corpo como produtor e efeito da cultura, e de Foucault (2010) sobre o entendimento de toda subjetividade articulada à dimensão material na sociedade.

A organização da rotina de carregamento do ônibus, a sistematicidade de posicionamento de gênero na mesma e sua configuração em grupos de trabalho evidenciam o que Foucault (2010) denominou das características das práticas no cotidiano. É o funcionamento conjunto dessas três caracterizações das práticas que constituem o cotidiano dos sujeitos sociais, especificamente no que se refere a esse processo de movimentação logística do circo.

Outro aspecto a ser considerado é a produção do ônibus como sendo uma “casa” para os sujeitos, construção essa não vinculada ao CT, por exemplo. Considerando os constantes deslocamentos para a realização dos espetáculos, apesar de, nessa constituição circense, os *trailers* já não serem utilizados, as práticas relacionadas à mobilidade são uma das bases definidoras dos processos organizacionais, e de marcação individual sobre o cotidiano de trabalho, no caso, do ônibus. É esse objeto onde se inscreve a dimensão pessoal no organizacional, estabilizando os constantes deslocamentos.

No ônibus, a conversa foi sobre a “comemoração” realizada na noite anterior na boate GLS de Pelotas. O tema era basicamente os “estranhamentos” que alguns novos integrantes tinham em relação aos ambientes frequentados pelos “mais velhos” do circo, especialmente naqueles onde, de algum modo, comportamentos sociais constituídos na sociedade eram deslocados. Esses deslocamentos eram relatados num jogo, pois se num primeiro momento as falas eram em torno do “assumir” a sexualidade, em outros ocorriam críticas a respeito das representações dos artistas como “loucos” e “beberrões”. Um dos artistas comenta criticamente em voz alta: “só porque é artista tem que dar vexame de tanto beber?! Se não sabe beber, não bebe”.

O “saber beber” diz respeito à formulação das ações de entrada e saída nas comemorações do circo, especialmente naquelas realizadas em espaços públicos e com bebidas alcoólicas. Nesse sentido, os “mais velhos” tinham formas de beber e de tecer comentários sobre a dinâmica do circo de forma diferente dos “mais novos”. Quando os últimos não compreendiam essa lógica de ação, eram ditas frases como: “isso vai dar merda” (notas de campo). Numa das reuniões coletivas no circo, o diretor já havia alertado sobre essas representações dos artistas na sociedade: “artista não é animal que não sabe raciocinar e vai fazendo as coisas sem pensar. Lidar com sentimentos não é sair por aí fazendo o que dá na telha sem se importar com outros” (notas de campo).

As práticas de organização do circo também interpelam a vida pessoal dos artistas de modo a deslocar o que era constituído como “artista” e formular espaços de estabilização do cotidiano organizacional. Nesse ponto, houve comentários sobre o “assumir” o circo como um modo de vida, e não como opção financeira e tão somente profissional, visto que ficar rico ou ter estabilidade de rendimentos financeiros nesse contexto seria impossível (notas de campo). Inscrito nesse relato estão elementos de como as práticas interpelam a vida extra-cotidiano organizacional, mesmo nas atividades de lazer e em outras esferas sociais, estabelecendo o que Foucault (2010) denomina de funcionamento das práticas.

Por volta de 01:00h da manhã, as conversas eufóricas diminuíram e se focaram em frases sobre a apresentação do evento no dia seguinte: “amanhã, vamos arrebentar!” (notas de campo), e logo as luzes se apagaram para que pudéssemos descansar.

## **O Dia do Evento**

Na cidade onde ocorreria o evento, o cronograma estabelecido anteriormente foi cumprido até a chegada ao local para a montagem da estrutura da apresentação. Como observado no centro de treinamento, a retirada dos equipamentos do ônibus e as montagens foram realizadas essencialmente pelos homens do circo. As mulheres e os novatos carregaram os figurinos até o camarim e observaram a montagem do palco, ocupado, posteriormente, pelos artistas para a realização das devidas marcações e ensaios de cenas.

Esse processo demorou mais que o previsto. Por volta do meio-dia, as montagens ainda não haviam sido concluídas, além disso, o hotel no qual o circo estava hospedado não disponibilizava refeições durante o dia. Conforme alertado pelos artistas no processo de comunicação do evento, a ideia original do circo arcar coletivamente com os dispêndios da viagem não “funcionou”, e as diárias remuneradas para essas atividades foram pagas aos artistas durante o processo de montagem do espetáculo. Ainda nesse processo, um dos artistas recém-ingresso no circo sentou-se ao lado da pesquisadora comentando com ela sobre as percepções que a sua mãe tinha do espetáculo, pois, segundo ele, sua mãe sempre comentava aspectos em que ele poderia melhorar (notas de campo). Esse relato evidencia como as práticas no cotidiano organizacional influenciam a vida pessoal dos artistas e vice-versa.



Quando terminada essa fase de estruturação de equipamentos e palco fomos almoçar coletivamente num restaurante próximo ao hotel. Durante o almoço, foram estabelecidos pequenos grupos entre os artistas, o que evidenciava algumas afinidades entre os mesmos. A pesquisadora acabou por sentar à mesa em conjunto com um dos artistas novatos, o qual entrou no circo no mesmo momento em que a pesquisa foi iniciada, mais dois malabaristas e um acrobata. Miguel (malabarista), então, começa a conversa afirmando ser aquele o quinto ano consecutivo sem a namorada no Dia dos Namorados, e que estava até acostumado a passar essa data sem companhia (notas de campo).

O Rafael então comenta que sua namorada “já aprendeu” e vivencia a rotina de vida no circo em conjunto com ele, ainda complementando: “ela sabe que isso aqui é minha vida e, se ela quer ficar comigo, ela tem que viver isso junto. Se um dia ela me pedir pra escolher, vai ser aqui que eu vou ficar, porque é isso que eu quero fazer da minha vida. Não digo somente o circo, mas o que eu faço aqui. E ela sabe ainda que um dia eu vou pro Canadá” (notas de campo).

Foucault (2010) assinala as configurações das práticas como imbricadas num contexto sócio-histórico e, sob esse solo, elas possibilitam uma generalidade. A recorrência ao contexto circense canadense evidencia, nessa dinâmica, a construção de outras “maneiras de fazer” circo, como a *Ecole National de Cirque* e o *Cirque Du Soleil*, articulados ao contexto socioeconômico instaura essa configuração organizacional como referência de atuação para os artistas do circo. Certeau (2002) corrobora com essas discussões ao afirmar o caráter estético das práticas, ou seja, seu estilo de constituição e utilização dos elementos sociais, implicando o entendimento do extraordinário e da articulação das práticas a uma conjuntura social, a uma ordem imposta.

Por outro lado, outro artista da trupe, Gabriel, comenta que, para ele, as coisas não são tão centralizadas no circo ou em sua atividade circense, e a existência de “muitas outras coisas para se viver que não são excludentes ao grupo” (notas de campo). Ele ainda refere que não deixa de namorar, de sair com outros amigos, por causa das agendas de apresentações, mas teve de deixar de estudar devido às ausências no colégio. Os adolescentes integrantes do circo possuem uma rotina diferenciada nos colégios de forma a propiciar a realização dos espetáculos e a formação educacional formal. Durante a pesquisa, foi possível observar que os professores das escolas preparavam atividades complementares para os artistas, bem como exames e atividades também eram agendados durante o período em que os adolescentes e crianças estavam na cidade. Essa relação com as instituições sociais denotam o caráter polêmico no cotidiano (CERTEAU, 2002), onde existe um conflito permanente entre as práticas na organização e na sociedade.

O campo de disputas estabeleceu-se entre os três, mediante as discussões sobre as práticas de organização que repercutiam na vida pessoal. A pesquisadora e o Mateus, recém-ingressos no circo, observavam calados as discussões, no intuito de compreender as lógicas de ação dos “mais velhos”. Isso evidenciava como a pesquisadora já havia incorporado às lógicas de ação dos “mais novos”, posição ocupada pela mesma no circo. Apesar de discordâncias das

falas entre os artistas, a conversa transcorria em tom de tranquilidade. Mateus comentou, posteriormente, com a pesquisadora:

É uma coisa que está me consumindo. Antes de eu entrar pro circo, a minha vida se resumia em ir pra aula, ir pra biblioteca e pro projeto de pesquisa [...] A minha vida era a vida acadêmica. Eu levava a vida acadêmica como ela deve ser vivida assim [...] Eu treino todos os dias e ensaio com frequência, mas eu ainda não consegui administrar essas duas rotinas. Conseguir conciliar elas. Eu acho que recentemente eu aceitei que a minha vida acadêmica agora está em um segundo plano [...] Eu vim pra Pelotas por causa da faculdade e do curso. Mas, aí no meio do caminho, eu destoei e fugi com o circo (risos). (Mateus, 20 anos, malabarista).

As práticas organizacionais configuradoras do circo provocam um deslocamento da vida pessoal dos sujeitos sociais para a centralidade do que constitui a organização, e não somente o trabalho nele desenvolvido. Como efeito, apontado nas falas dos artistas durante o almoço, eles têm dificuldade em lidar com as instituições estabelecidas na sociedade, especialmente a escola, sendo que a maioria dos artistas circenses deixou o colégio ou a faculdade em função das práticas de organização dos circos.

Após esse almoço, retornamos ao hotel para nos prepararmos para a apresentação. Durante o espetáculo, houve momentos de tensão, pois alguns sujeitos haviam se esquecido de colocar as caixas com os materiais nos locais combinados anteriormente. A produtora cultural do circo que observa todo o processo de montagem do espetáculo acabou por localizar os objetos. Ao final da apresentação, os artistas foram para as portas de saída do ginásio no intuito de cumprimentar o público para depois proceder o desmonte dos equipamentos.

No processo de recolocação dos materiais utilizados no ônibus, os procedimentos foram os mesmos que ocorreram no CT para dar início à viagem. Os homens ficaram a cargo dos equipamentos pesados e às mulheres e novatos coube transportar os figurinos. No retorno ao hotel, o diretor conversou individualmente com os artistas e técnicos que não haviam realizado suas tarefas de acordo com a forma combinada, conversa realizada de modo discreto, enquanto arrumávamos as malas para retornar a Pelotas.

No jantar, realizado num restaurante durante o retorno a Pelotas, a pesquisadora sentou ao lado de outro grupo de artistas: o Marcos e o Paulo. Depois, o Pedro veio e pediu para sentar-se à mesa, e logo disse à pesquisadora: “me fala um pouco sobre tu! Te vejo sempre, mas tu pergunta pouco. Tu fala pouco, come pouco [olhando para o prato da pesquisadora], mas tem jeito de quem estuda muito” (notas de campo). Nesse momento, o Paulo complementou: “com certeza” (notas de campo). Na etnografia, não é só o pesquisador quem observa as práticas no campo de pesquisa, mas os outros sujeitos na pesquisa também observam as práticas dos pesquisadores. A pesquisadora acabou comentando sua discrição no comportamento social, inclusive na alimentação. As discussões sobre a alimentação dos artistas acabaram por se tornar o tema da conversa, especialmente sobre as dificuldades de não haver um horário definido para a realização das refeições durante as viagens.

Contudo, devido à data do evento ser o Dia dos Namorados, as falas dos artistas nesse dia também convergiam em relação às influências do cotidiano organizacional em suas vidas pessoais sobre aspectos relacionados aos ciúmes dos companheiros. Em relação aos sujeitos “fora” do cotidiano organizacional, os ciúmes ocorriam, de acordo com os artistas, pela intensa convivência entre o grupo que se estendia aos finais de semana, nas “comemorações”, atividades desportivas ou passeios de férias (notas de campo). Entretanto, um aspecto da materialidade do trabalho circense era descrito como base de desencadeamento de discussões na vida pessoal: o corpo; e os efeitos sociais desse corpo produzido no contexto artístico: as manifestações de afeto, como abraços, choro e risadas.

Devido aos intensos trabalhos com o corpo, via treinamentos específicos para cada atividade circense (malabarismo, acrobacias e cênicas, como exemplos), ocorre um processo de transformação do mesmo: “O trabalho circense é puxado. A gente naturalmente desenvolve muito a musculatura, porque é o que a gente trabalha” (notas de campo). Considerando que o campo estabilizado do atual contexto social naturaliza o corpo como funcional, ocorre uma analítica diferenciada da posição desse entre as relações sociais dos artistas e aqueles que não se constituem nesse contexto.

Uma das artistas relatou que, na faculdade, quando ela comentava que trabalhava no circo, eram comuns tais expressões: “nossa, tu trabalha com aqueles corpos lindos! Como tu consegues se concentrar?”, e ela continuava o relato afirmando como essa construção reificada do corpo interferia em seus relacionamentos amorosos fora do circo, em especial pelo “hábito” de também abraçar e beijar constantemente outras pessoas. Isso denota as discussões de Foucault (2010) sobre as práticas de produção social do corpo, quando o referido autor assinala que o corpo vivo oferece mecanismos de análises pelos quais podemos criticar nossas práticas. O pano de fundo desses relatos sobre ciúmes desvela tecnologias de poder incorporadas e controladoras das formas de relacionamentos sociais.

É por isso que as manifestações de afeto, como efeito desse corpo produzido, também é questionado socialmente, pois a ele são designadas técnicas específicas de manifestação, silenciamento e apagamento social. Na medida em que o trabalho com o corpo nas práticas do cotidiano circense libera outras políticas corporais, as quais entram em confronto com os padrões estabelecidos na sociedade, ele desloca os interstícios de constituição dos sujeitos provocando contradições nessas relações sociais. O corpo naturalizado pelos artistas circenses não é o mesmo, enquanto sujeito, naturalizado no campo estabelecido na sociedade ocidental capitalista. Isso porque o corpo na sociedade é efeito da modernidade centrada no homem branco, ocidental e racional. As manifestações de afeto não pertencem a esse corpo que é centrado na lógica da eficiência, motivo de intervenções e discursos estéticos e formais.

Quando os artistas “trabalham” com e não nesse corpo, outros efeitos desses são liberados e, conseqüentemente, outras manifestações são produzidas. De fato, são muito comuns as manifestações de afeto dos artistas como abraços, beijos; e até mesmo com o público, ao final das apresentações.

No retorno ao ônibus, o cansaço era visível e, ao contrário da ida ao evento, todos dormiram, sendo acordados já na cidade de Pelotas. Primeiramente, o ônibus realizou uma parada no ateliê, onde foram deixados os figurinos para lavagem, e, depois, fomos ao CT, onde os materiais foram guardados em sala específica.

Sendo assim, as emoções provocadas e construídas a partir das práticas organizacionais não podem ser tomadas como manifestações naturalizadas somente em seu aspecto individual. Ao serem colocadas numa rede de deciframento (FOUCAULT, 2010), podem desvelar os mecanismos políticos de constituição das práticas no cotidiano. Uma das vias de deslocamento social no cotidiano organizacional são as práticas inscritas nos corpos.

### **Considerações Finais**

Ao traçarmos esse percurso descritivo-analítico sobre as práticas nas organizações, objetivamos construir uma proposta de politização do cotidiano organizacional, avançando analiticamente no entendimento das práticas para além dos fluxos de regularidade e rotinização empreendidas nos estudos organizacionais. Reportando-nos aos debates sobre práticas elaborados por Michel de Certeau e Michel Foucault, buscamos contribuições filosóficas para o entendimento ontológico e epistemológico dessas categorias de análises organizacionais.

As aproximações entre os referidos autores permitiu-nos sistematizar os mecanismos de funcionamento das práticas no contexto organizacional. Salientamos que a expressão “funcionamento” não se refere às funções desempenhadas pelas práticas, como salientam as bases epistemológicas positivistas, mas como as práticas operam em ações configuradoras do cotidiano, estabelecendo um campo de relações de forças com efeitos políticos. É por isso que, em meio aos mecanismos de estabilização do cotidiano das organizações, onde aparentemente se institui um ordenamento, ainda que as práticas não provoquem deslocamentos estruturais, elas se desdobram em transgressões sutis que nem por isso deixam de incidir profundamente nas relações de trabalho e pessoais dos sujeitos sociais. Os arranjos estratégico-táticos das práticas constituem os processos organizacionais, posicionando organização e sujeitos na sociedade, e possibilitando os movimentos dos mesmos em seus contextos de atuação.

Os efeitos do imbricamento teórico entre Michel de Certeau e Michel Foucault possibilitaram configurarmos o jogo político do cotidiano organizacional, buscando condições de produção social antecedentes da constituição do espaço de trabalho, bem como os efeitos das práticas das organizações na sociedade, incluindo a constituição dos sujeitos. As práticas são as “maneiras de fazer” num determinado contexto sócio-histórico que constituem os sujeitos e objetivam suas condições de existência por meio de seus efeitos políticos sociais.

Embora o circo em análise possa ser caracterizado como contemporâneo, ao ônibus é atribuído o posicionamento de “casa”, algo que vem ao encontro da origem nômade do

circo. Apesar de eles não residirem mais em *trailers*, como no “circo tradicional”, os efeitos políticos das práticas de organização circense ainda estão estabilizados nesse campo. Por isso, a necessidade da investida teórica de análise ultrapassar o contexto organizacional e ir à busca dos mecanismos que antecedem seus processos de constituição.

Destacamos que, nos três momentos de análises, as práticas não se configuraram em confrontos diretos entre os sujeitos e/ou a organização. Nos momentos de contestação de alguma ação, as contradições pareceram ser estabilizadas em configurações políticas, indicando a lógica de ação dos sujeitos artistas voltada para seu funcionamento por meio de mecanismos sutis de transgressões e deslocamentos. É por isso que o ingresso de um artista num elenco ocorre via acompanhamento das atividades “em ação”, pois é nesse percurso que as lógicas são incorporadas pelos sujeitos, sendo deslocado o senso comum de representações de atuação pessoal dos artistas. Para que as práticas produzam efeitos, é necessário que elas operem no social, e as “comemorações” entre os integrantes do circo atuam nesse sentido.

Ao serem engendradas à dinâmica social, as lógicas de ação posicionam o “fora” do cotidiano organizacional, o considerado como contraditório em relação ao instituído na organização. Num primeiro momento, observamos esse processo como um efeito de deslocamento dos elementos conflitantes das relações pessoais dos artistas para além do cotidiano de trabalho. Ao aprofundarmos essa investida analítica nas condições sociais, ultrapassamos esse olhar e consideramos os efeitos da produção social do corpo como mecanismo de contradição na organização e nas relações pessoais dos artistas.

Essas análises evidenciam que, apesar de os estudos sobre as práticas nas organizações as destacarem da sociedade, faz-se necessário considerar suas condições sociais de constituição. Esse processo possibilita discutir como o cotidiano organizacional extrapola seus limites estruturais, bem como seu aparente ordenamento e estabilização são configurados por lógicas de ação que, apesar de por vezes não confrontarem diretamente as práticas organizacionais, podem contrapô-las silenciosamente. Isso não estabelece um caráter de destituição de relações de poder, tampouco configura práticas menos concretas ou subversivas. Em jogo, estão configurações organizacionais estabelecidas por meio do funcionamento de suas práticas imbricadas num contexto sócio-histórico.

Em termos teóricos, reconhecemos que, além das aproximações das discussões expostas, Michel de Certeau e Michel Foucault se distanciam em diversos aspectos dos estudos das práticas, em especial no entendimento de seus efeitos na constituição dos sujeitos e na capacidade de resistência às relações de poder. Essa constatação abre possibilidades de diálogo com outros estudos no sentido de avanços ontológicos e epistemológicos do entendimento das práticas no cotidiano organizacional. Aproximar as construções teóricas aqui realizadas com teóricos organizacionais, como por exemplo Theodore Schatzki, o qual tem atuado no sentido de construção de uma epistemologia das práticas nas organizações, também pode ser uma possibilidade de avanço analítico ao empreendido neste artigo.

Salientamos que as práticas descritas não abrangem a totalidade constitutiva do cotidiano

organizacional. Essas foram destacadas e centralizadas em nossas análises devido ao objetivo da pesquisa. O recorte empírico a partir do contexto organizacional circense também estabelece condições específicas das análises empreendidas. A realização de pesquisas a partir dos pressupostos de investigação construídos nesse estudo em outros espaços organizacionais é relevante, pois possibilitará compreender outros efeitos sociais das mesmas, bem como compreender a existência ou não de um solo comum de atuação dos sujeitos.

O arcabouço teórico aqui problematizado avança nas análises organizacionais no sentido de politização do cotidiano de trabalho. Os efeitos dos arranjos estratégico-táticos das práticas incidentes, em geral, ocorrem de forma não declarada e sutil, o que não as torna menos efetivas nas disputas no cotidiano organizacional.

## Referências

ANTONELLO, C. S.; FLACH, L. Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas. **Cadernos EBAPE.BR**, vol. IX, p. 156 - 176, 2011.

ARAÚJO, J. M. Crise no picadeiro. **Revista Problemas Brasileiros**. n. 372, nov/dez, p. 17 -18, 2005.

ÁVILA, F. S. **Território circense**. 2008. 131f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Presidente Prudente), Presidente Prudente, São Paulo, 2008.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano: artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cultura no plural**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: **Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano**. São Paulo: FAU/USP, 1985.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management Learning**, v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010.

COSTA, M. M. F. A. O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação dos valores institucionais. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 24, Florianópolis, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs). **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 1994.

FENTON, C.; LANGLEY, A. Strategy as practice and the narrative turn. **Organization Studies**, v. 32, n. 9, p. 1171-1196, 2011.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. L. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Afonso, 2008.

GARCIA, M. C. **Artistes de cirque contemporain**. Paris: La Dispute, 2011.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: toward an argumentative understanding of practicing. **Management Learning**, v. 40, p. 129-144, 2009.

GHERARDI, S. Telemedicine: A practice-based approach to technology. **Human Relations**, v. 63, n. 4, p. 501-524, 2010.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

LEITE-DA-SILVA, A. R.; CARRIERI, A. P.; SOUZA, E. M. Social practices and strategizing: a study of produce merchants in the Vila Rubim Market. **BAR – Brazilian Administration Review**, v. 8, p. 86-106, 2011.

MIETTINEN, R.; SAMRA-FREDERICKS, D.; YANOW, D. Re-turn to practice: an introductory essay. **Organization Studies**, v. 30, n. 12, p. 1309-1327, 2009.

OFEN, J. L. Portrait of a circus girl. **Ethnography**, v. 11, n. 3, p. 473-484, 2010.

PARKER, M. Organizing the circus: the engineering of miracles. **Organization Studies**, v. 32, n. 4, p. 555-569, 2011.

RIBEIRO, R. R. Escritas da história cultural: Michel Foucault e Michel De Certeau. **Fronteiras: Revista de História**, v. 9, n. 16, jan./jul. 2007.

SACCHI, W. **A Identidade saltimbanco**. 2009. 117f. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Multimeios, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, 2009.

SANDBERG, J. DALL'ALBA, G. Returning to practice new: a life-world perspective, **Organization Studies**, v. 30, n. 12, p. 1349-1368, 2009.

SANTOS, L. L. S.; ALCADIPANI, R. Por uma epistemologia das práticas administrativas: a contribuição de Theodore Schatzki. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 34, Rio de Janeiro, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

\_\_\_\_\_. The Sites of Organizations. **Organization Studies**. v. 26, n. 3, p. 465-484, 2005.

\_\_\_\_\_. A New Societist Social Ontology. **Philosophy of the Social Sciences**. v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003.

YAKHLEF, A. The corporeality of practice-based learning. **Organization Studies**, v. 31, n. 4, p. 409-430, 2010.

**Josiane Silva  
de Oliveira**

Doutoranda em Administração pelo PPGA/EA/UFRGS. Mestrado em Administração pelo PPA/DAD/UEM e Graduação em Administração pela UEM.

**Neusa Rolita  
Cavedon**

Doutora em Administração pelo PPGA/EA/UFRGS, Mestre em Administração pelo PPGA/EA/UFRGS e Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS, Bacharel em Administração e em Ciências Econômicas pela UFRGS. Professora Associada da Escola de Administração da UFRGS e pesquisadora do CNPq.